

**A EDUCAÇÃO PELA PEDRA, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO, SOB A
PERSPECTIVA DE BENEDITO NUNES**

Ingrid Luana Lopes Cordeiro (UFPA)¹

Maria de Fátima do Nascimento (UFPA)²

Resumo: O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida entre 2013-2014 no Projeto de Pesquisa **BENEDITO NUNES: ESTUDO DA OBRA *O DORSO DO TIGRE***, coordenado pela Professora Maria de Fatima do Nascimento, no Programa PARD/PROPEPSP, o qual estuda a segunda parte da obra *O dorso do tigre*, de Benedito Nunes (1929-2011). Enquanto bolsista PIBIC do referido Projeto desde outubro de 2013, venho estudando o ensaio “A máquina do poema”, texto este que vem enfeixado na segunda parte do referido livro do crítico paraense sobre a obra de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), poeta e diplomata pernambucano, com o objetivo de estudar as imagens nos poemas “Os vazios do homem”, “Os reinos do amarelo”, “A educação pela pedra”, “Cartar feijão” e “O hospital da Caatinga” do livro *A educação pela pedra* do poeta brasileiro, a partir dos estudos inseridos em *O Ser e tempo na poesia*, de Alfredo Bosi, *Signos em rotação*, de Octávio Paz, e “A criação de imagens”, ensaio de Benedito Nunes.

Palavras-chave: Benedito Nunes. O dorso do tigre. João Cabral de Melo Neto. A educação pela pedra. Imagem.

Introdução

A educação pela pedra, de 1966, é o alvo deste estudo em razão de ter sido analisado por Benedito Nunes no ensaio “A máquina do poema”, presente na segunda parte de *O dorso do tigre*, de 1969, obra que recolhe vários ensaios do crítico literário

¹ Ingrid Cordeiro. Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: ingridcordeiro94@gmail.com

² Maria de Fátima do Nascimento. Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: mafana@ufpa.br

paraense, livro que além de tratar de crítica literária acerca da obra de literatos consagrados como Clarisse Lispector, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa e, evidentemente, João Cabral De Melo Neto, na primeira parte, versa sobre filosofia. O ensaio “A máquina do poema” foi publicado, inicialmente, de acordo com Nascimento (2012, p. 248), no jornal O Estado de São Paulo, em 3 de dezembro de 1966 e reeditado em *O dorso do tigre* em 1969.

A primeira questão sobre a qual discorre Benedito Nunes acerca de *A educação pela pedra* diz respeito ao fato de a obra convergir as duas veredas nas quais caminha a poesia de João Cabral de Melo Neto, uma delas leva a uma poesia metalinguística, preocupada em desvendar os mecanismos da linguagem poética e a outra de cunho social, que pensa na condição humana e suas mazelas, preocupações que são fundamentais na formulação das imagens que compõem os poemas.

A arquitetura poética pensada por João Cabral se faz presente em *A educação pela pedra*, a percebemos quando observamos a organização dos 48 poemas ao longo livro que é dividido em quatro partes: Nordeste (a), Não Nordeste (b), Nordeste (A) e Não Nordeste (B). Cada uma apresenta 12 poemas e cada poema duas estrofes. Benedito Nunes descreve a estruturada da obra em *O dorso do tigre*:

Dos 48 poemas de *A educação pela pedra*, que está dividido em quatro partes (a, b, A, B), cada parte contendo doze poemas e cada poema duas partes, complementares ou antagônicas, segundo o sistema de oposições e equivalências que o liga entre si, doze são permutantes: b-2/12 (“Uma mineira em Brasília”/ “Mesma mineira em Brasília”), b-3/11 (“Nas covas de Baza”/ “Nas covas de Guadix), A-4/9 (“The country of the Houynhms”/ (“The country of the Houynhms (outra composição)”), A-8/ B-10 (Bifurcados de ‘Habitar o tempo’/ “Habitar o tempo”), B-1/9 (“A urbanização do regaço”/ “O regaço urbanizado”), B-4/11(“Comedores jantando”/ “Duas faces do jantar dos comedores”)³.

As imagens em *A educação pela pedra*

³ (NUNES, 2009, p. 262)

A imagem na poesia é um tema amplamente discutido por teóricos que estudam literatura, aos quais recorreremos com o intuito de analisar os poemas de *A educação pela pedra*. Dentre os estudiosos consultados destacamos Octávio Paz (PAZ, 1996, p. 37), poeta e ensaísta mexicano, o qual afirma que “Convém advertir, pois, que designamos com a palavra imagem toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que unidas compõem o poema”. Para obter mais horizontes consultamos também Alfredo Bosi (BOSI, 1996, p. 19), importante estudioso literário brasileiro, que em *O ser e o tempo da poesia*, faz a seguinte observação: “A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. [...]. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós”.

Nesse sentido, observa-se que João Cabral recorre às coisas concretas da realidade para compor os poemas de *A educação pela pedra*, assim como é observado também em outros textos do autor, a exemplo de *Uma faca só lâmina*. E esse traço objetivo ostensivo permite-lhe dizer o mundo por meio de objetos concretos, o que afasta do seu léxico palavras como “amor”, “saudade” e “tristeza”. Essa marca criativa pode ser responsável também pela criação de imagens que para Massaud Moisés (MOISÉS, 1992, p.282). “constitui a representação mental de objetos sensíveis”

As imagens em *A educação pela pedra* se sobressaem por meio da linguagem carregada de representações materiais e estão impregnadas de significados que transcendem o conteúdo semântico original desses objetos, os quais se tornam metáforas para questões metapoéticas e sociais, por exemplo.

A multiplicidade semântica da imagem é também observada nos poemas de João Cabral de Melo Neto bem de acordo com o que nos ensina Octávio Paz (PAZ, 1996, p. 37): “Cada imagem – ou cada poema composto por imagens – contém muitos significados contrários e díspares, aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los”.

A contribuição da metáfora para o desenvolvimento e apreensão das imagens nos poemas da referida obra foi observado pelo crítico paraense (NUNES, 2009, p. 260) ao analisar o poema “Os vazios do homem”, segundo poema da parte Não Nordeste (B), poema de 24 versos, dispostos em duas estrofes constando cada uma de 12 versos, cujos

primeiros versos são: “Os vazios do homem não sentam ao nada/do vazio qualquer: do do casaco vazio,/ do da saca vazia (que não fica de pé/ quando vazios, ou o homem com vazios)⁴”. Acerca das imagens e metáforas que ocorrem nesse poema Nunes observa:

Nada mais fácil do que distinguir nesses primeiros versos a existência da relação analógica, própria da natureza da metáfora, já assinalada pela *Poética* de Aristóteles. “Homem” e “casaco” de outro são palavras que se ligam pela função mediadora do termo vazio. Ocorre porém, em vez da simples fixação de uma ou de muitas analogias, o símile aí latente desenvolve-se⁵.

Outro poema no qual observamos as imagens construídas através de metáforas é “Os reinos do amarelo”, integrante da parte Nordeste (A), composto por 24 versos, distribuídos em duas estrofes com doze versos cada uma. A imagem do amarelo pode ser traduzida como metáfora para os elementos que compõem o cenário apresentado, portando uma poesia de “cor local”, termo que remete ao Romantismo, com o qual se faz referência a poemas que tratavam do que era típico de uma localidade, de caráter regionalista visa a exaltação da terra descrita. No poema de *A educação pela pedra*, o amarelo é “cor local” desse espaço por está presente nele. Segundo o poema, em várias gradações exprimindo a graça e a beleza dessa paisagem em versos como: “A terra lauta da Mata produz e exhibe/um amarelo rico (se não o dos metais):/o amarelo do maracujá e os da manga,/ o do oiti-da-praia, do caju e do cajá;/ amarelo vegetal, alegre de sol livre,/ beirando o estridente, de tão alegre,/e que o sol eleva de vegetal a mineral,/polindo-o, até um aceso metal de pele”⁶. A outra gradação de amarelo expõe metaforicamente as mazelas encontradas no ambiente que vitimam as pessoas e os elementos naturais dele e que são mostradas nos seguintes versos: “Só que fere a vista um amarelo outro:/se animal, de homem: de corpo humano;/de corpo e vida; de tudo o

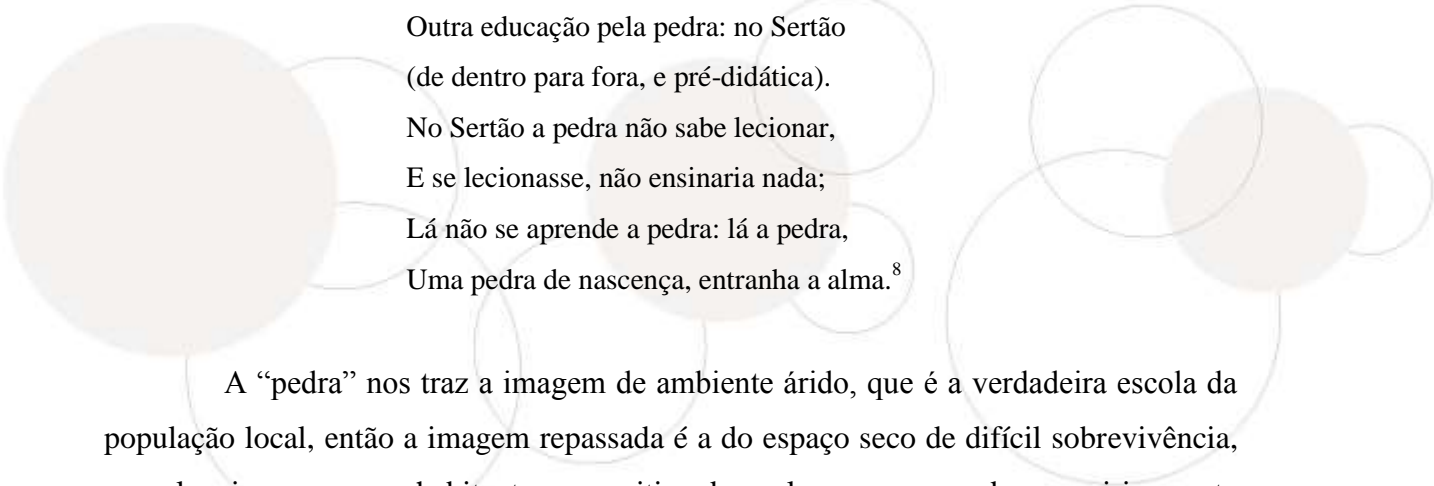
⁴ (MELO NETO, 1996, p. 71)

⁵ (NUNES, 2009, p. 260)

⁶ (MELO NETO, 1996, p. 63)

que segrega/ (sarro ou suor, bile íntima ou ranho),/ ou sofre (o amarelo de sentir triste,/ de ser analfabeto, de existir agitado)”⁷.

“A educação pela pedra”, poema título da obra analisada por Nunes em *O dorso do tigre*, presente na parte Nordeste (a), constituído por 16 versos, distribuídos em duas estrofes, com 10 e 6 versos respectivamente, é o poema que carrega a imagem da pedra, a qual representa o livro, traz a possibilidades de lê-lo como um poema de intenção social ou metapoético. A primeira interpretação é engendrada pela leitura da segunda estrofe:



Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma.⁸

A “pedra” nos traz a imagem de ambiente árido, que é a verdadeira escola da população local, então a imagem repassada é a do espaço seco de difícil sobrevivência, o qual se incorpora aos habitantes, que vitimados pela secura aprendem empiricamente a partir do nascimento a serem pessoas firmes, duras e resistentes, sendo a pedra o molde seus traços psicológicos e aspectos físicos.

A outra leitura proposta pelo poema nos conduz a pensarmos no trabalho poético, pois a “pedra” seria a pedagoga ideal para o poeta, por seu caráter seco, duro, insensível, concreto e conciso, o ensinaria a trabalhar a poesia com frieza e objetividade, tornando seu texto direto e mais comunicativo por afastar o sentimentalismo de sua construção. Os versos que nos mostram a educação poética pela pedra se encontram na primeira estrofe:

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequenta-la;

⁷ (IDEM)

⁸ (MELO NETO, 1996, p. 21)

captar sua voz inenfática, impessoal
[...]
a de poética, sua carnuda concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para que soletrá-la.⁹

A imagem em “Cartar feijão”, poema inserido na parte Não Nordeste (b), é interessante porque há analogia entre uma prática prosaica ao ato de compor um poema, sendo que “pela analogia o discurso recupera, no corpo da fala, o sabor da imagem. (...) é responsável pelo peso da matéria que dão ao poema as metáforas e as demais figuras” (BOSI, 1996, p. 38). O texto metapoético retrata o esforço que é a construção de um poema, mostrando o que é necessário nessa atividade e que a linguagem pode ser comprometida se não houver trabalho com ela assim como acontece com o feijão que não é bem catado, vejamos essas colocações em alguns versos do poema:

Catar feijão se limita como escrever:
Jogam se os grãos na água do alguidar
E as palavras na folha de papel;
E depois, joga-se fora o que boiar.
[...]
Ora, nesse catar com feijão em entra um risco:
O de que entre os grãos pesados
Um grão qualquer, pedra ou indigesto¹⁰

A poesia de João Cabral foi inicialmente comparada a estética parnasiana, devido a objetividade observada em seus poemas, entretanto pelos poemas aqui analisados, a exemplo do poema “Cartar feijão”, observa-se outra técnica usada na produção de seus poemas, pois apesar de compartilhar da objetividade de uma visão

⁹ (IDEM)

¹⁰ (MELO NETO, 1996, p. 38)

poética sem sentimentalismo, o poeta pernambucano procura promover um texto acessível, sem excessivos rebuscamentos e se preocupa com a problemática humanitária, que não era objeto temático, pelo menos no primeiro momento, da poesia parnasiana. Isso é notável no poema cabralino quando a imagem é retratada no poema referindo-se a metapoesia, porque as palavras são retiradas de uma atividade empírica ordinária, não usando, por exemplo, referências greco-latinas como fez Olavo Bilac no poema “A um poeta” no verso “rica mais sóbria, como um templo grego”, procedimento comum nos autores parnasianos.

Ao fazer relação entre o Parnasianismo e a poesia de *A educação pela pedra*, o autor de *O dorso do tigre* (NUNES, 2009, p. 264) criticando, ressalta: “escola da qual só nos relembramos para destacar-lhes as congênicas fraquezas, a eloquência e o verbalismo”.

O interesse pelos mecanismos da poesia e o rigor empregado na construção de um poema, traços marcantes da poética de João Cabra, são elementos que influenciam a constituição das imagens, como observamos em “Carta feijão”.

O que já foi observado por Alcides Vilaça no texto “Expansão e limite na obra de João Cabral”, inserido no livro *Leitura de poesia*, organizado por Alfredo Bosi, no qual é dito:

A objetividade desse “*rigoroso horizonte*” (Jorge Guillén), em que as imagens têm como de valor a subordinação ao processo construtivo, é apresentada como clarificação do código verbal, onde tudo se unifica. Um elenco elementar de símbolos densos é tomado como parâmetro para o desdobramento de inúmeras outras figuras, mantida no conjunto uma relação de contiguidade que não se admite perder. As afinidades ou oposições entre imagens travam-se no interior de um discurso cumulativo, orientado para a autodefinição¹¹.

Outro poema representante da poética social cabralina é “O hospital da Caatinga”, inserido parte Nordeste (A), composto por 24 versos organizados em duas

¹¹ (BOSI, p, 148, 1996)

estrofes, a primeira apresenta oito versos e a segunda dezesseis, poema no qual as imagens são primorosamente utilizadas para a transmissão desses significados:

o poema trata a caatinga de hospital
não porque esterilizada, sendo deserto;
não por essa ponta do símile que liga
deserto e hospital: seu nu asséptico.

[...]

O poema trata a Caatinga de hospital
pela ponta oposta do símile ambíguo;
por não deserta e sim, superpovoada;
por se ligar a um hospital, mas nisso.
Na verdade, superpovoa esse hospital
para bicho, para planta e tudo que subviva¹²,

No poema, as imagens são apresentadas em série, fazendo com que as recuperemos rapidamente e as agrupemos. Coisas como “deserto”, “hospital” e a “Caatinga” formam uma coisa só, nos transportando a essa região por meio da imagem de “hospital”, que é estéreo, assolado pela doença e morte tal qual o ambiente poético. As imagens de utensílios hospitalares, no poema, são análogas a elementos da paisagem da Caatinga em versos como “os areais lençol, o madapolão areal/ os leitos dunas, as dunas enfermaria,/ que o timol do vento e o sol formol/ vivem a desinfetar, de morte e vida.” Lembramo-nos de Antônio Candido ao pensarmos nas imagens apresentadas pelo poema, pois o autor aborda em seu texto “Direito à Literatura” a importância de obras que exibem a condição periclitante das massas e a influência que elas exercem nos leitores:

Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a posição em face deles. É aí que se situa a “literatura social”, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e

¹² (MELO NETO, 1996, p. 53)

humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem da análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades¹³.

“O hospital da Caatinga”, mais uma vez, revela que a imagem é um dos recursos mais comunicativos, pois apresenta parte significativa das ideias que um poema pode conter. Talvez por lidar com a visão, que é um dos principais sentidos que nos ajudam a compreender a complexidade presente no mundo sensível. Neste poema elas agem como fios que tecem uma rede de impressões, conhecimentos e sentimentos que estão acumuladas em nossa *psique*.

Considerações finais

As imagens apresentadas nos poemas analisados de *A educação pela pedra* exprimem grande parte do sentido dos poemas, porque percebemos que elas são reveladas por meio de objetos concretos, que transportam o leitor a representações as quais ultrapassam a materialidade do objeto. As imagens provocam analogias entre as coisas e questões que perpassam a condição social do indivíduo ou com o ato da construção poética, por exemplo. Podemos ver como as análises de Benedito Nunes trouxeram questões ao mesmo tempo inovadores e atemporais sobre a poética de João Cabral, que ainda não tinham sido exploradas por outros autores, sendo que os estudiosos posteriores bebem na fonte de Nunes ao fazer seus estudos a respeito do poeta recifense.

Referências bibliográficas:

- BOSI, Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- _____. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil – era moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

¹³ (CANDIDO, 1995, p. 249)

MELO NETO, João Cabral. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. *A educação pela pedra e outros poemas/ João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

_____. *O rio/ João Cabral de Melo Neto; [estabelecimento do texto e bibliografia Antônio Carlos Secchin; organização Inez Cabral]*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

_____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo Cultrix: 1992.

NASCIMENTO, Maria de Fátima. *Benedito Nunes e a Moderna Crítica Literária Brasileira (1946-1969)*, v. 1, 2012, 343 p. Teses (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem -, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

_____, Maria de Fátima. Projeto de Pesquisa *Benedito Nunes: Estudo da Obra O Dorso do Tigre*. PARD/PROPESP/Faculdade de Letras/ILC/UFPA, Belém, 2012.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. *A criação de imagens. (Especial para a A Província do Pará)*. A Província do Pará. Belém, 26 ago. 1956, Suplemento Magazine, Letras e Artes, Rodapé de Crítica, p. 9.

_____. *João Cabral: a máquina do poema/Benedito Nunes; organização e prefácio [de] Alberto Muller*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: Autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1997.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 2006.

PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva.